

OPINIÃO

Francisca Amorim presta depoimento hoje na Dioe. Página 3.

OLIBERAL

FILIADO A SOCIEDADE
INTERAMERICANA DE IMPRENSA - SIPANJ ASSOCIAÇÃO
NACIONAL
DE JORNALISPresidente
Lucidéa Batista MaioranaPresidente Executivo
Romulo Maiorana Jr.Diretor Jurídico
Ronaldo Maiorana
(OAB-PA 8667)Diretora Administrativa
Rosângela Maiorana KzanDiretora Comercial
Rosemary MaioranaDiretor Industrial
João Pojucam de Moraes FilhoDiretor Corporativo de Jornalismo
Walmir Botelho D'OliveiraDiretor de Novos Negócios
Ribamar GomesDiretor de Marketing
Guarany JúniorDiretores
José Edson Salame
José Luiz Sá PereiraEditor-Chefe
Lázaro Moraes**O LIBERAL** é editado por
Delta Publicidade S/A
CNPJ. (MF) 04929683/0001-17.
Inscrição Estadual: Isenta.
Municipal: 032.632-5**Administração, Redação,
Centro Tecnológico Gráfico,
Publicidade**Av. Romulo Maiorana, 2473.
CEP: 66.093-000.
Telefone: 3216-1000.
Endereço Telegráfico: JornalLiberal.
Fax: (091) 3216-1143.
Belém, Pará, Brasil.As opiniões emitidas em textos assinados
são livre manifestação do pensamento de
seus autores e não representam a opinião
do jornal.**Sucursal Centro/
Centro-Oeste**Gerente Executiva:
Silvana Scórsin**Brasília-DF**
SRTVN Q.701 CONJ. C.
Ed. Centro Empresarial Norte,
Bloco B, sala 432. Cep. 70.719.900.
Fone/fax (61)-3328-9394/3328-9396.
E-mail: sanab634@zaz.com.br**Sucursal Sudeste/
Sul/Nordeste**Diretor:
Carlos Namur**São Paulo-SP**
Edifício Iguatemi Office Building
Rua: Iguatemi, 192
Cj. 111 / 11º and. - Itaim. Cep. 01451-010
Fone/fax: (11) 3073.1450 / 1451 / 1453
e-mail: sucursalsapaulo@oliberal.com.br**Rio de Janeiro-RJ**
Edifício Dijon Business Center.
Rua Farnes de Amoedo, 56 - Cj. 506 e
507 - Ipanema. Cep. 22420.020 - Rio
de Janeiro. Telefone: (21) 2103-4540.
E-mail: comercial.rio@oliberal.com.br**Preço do exemplar****Zona I** - Abaetetuba, Ananindeua, Arapari, Barcarena, Belém, Benevides, Bragança, Capanema, Capitão Poço, Castanhal, Concórdia, Dom Eliseu, Igarapé-Miri, Irituia, Itinga, Mãe do Rio, Moju, Mosqueiro, Nova Timboteua, Ourém, Paragominas, Quatro Bocas, Salinas, Santa Izabel, Santa Luzia do Pará, Santa Maria, São Miguel do Guamá, Tailândia, Tomé-Açu, Ulianópolis e Vigia.**Dias úteis R\$ 2,00**
Domingo R\$ 4,00**Zona II** - Almeirim, Altamira, Parauapebas, Conceição do Araguaia, Marabá, Monte Alegre, Monte Dourado, Portel, Porto de Moz, Redenção, Soure, Ourilândia do Norte, Tucumã, Tucuruí, Xinguba, Juruti, Santarém, Itaituba, Oriximiná e Óbidos.**Dias úteis R\$ 2,50**
Domingo R\$ 4,50**Zona III** - Brasília (DF), São Luís, Teresina, Recife, Tocantins, Fortaleza, Manaus e Boa Vista.**Dias úteis R\$ 3,00**
Domingo R\$ 6,00**Zona IV** - Demais Estados**Dias úteis R\$ 4,50**
Domingo R\$ 9,00**Zona V** - Macapá**Dias úteis R\$ 3,00**
Domingo R\$ 6,00**Telefones de O LIBERAL**

Reportagem: 3216-1138
Assinaturas: 3204-6000
Atendimento ao Assinante: 3216-1011
Classificados: 3277-9200
Comercial: 3216-1163 e 3216-1176

joséseráfico**Obrigado, Zé Carlos**

Este é um texto que eu jamais desejei escrever. Faça-o, no entanto, como quem revolve suas próprias entranhas e vai buscar nelas sentimentos que ajudem a compreender situações das quais participamos, mesmo quando delas gostaríamos de estar o mais distante possível.

Amizades que realmente o são dispensam o encontro cotidiano e ignoram distâncias geográficas ou temporais. Elas se nutrem, exclusivamente, do mais profundo sentimento de fraternidade, por mais escasso ele se mostre, nos dias que correm.

Há, a pairar acima de tantas baixezas das quais o ser humano se tem mostrado capaz, como uma ponte permanente, aquela que nos permite atravessar décadas e quilômetros, levando-nos ao encontro que já dáramos por impossível.

Havia mais de cinquenta anos que José Carlos Araújo e eu não nos víamos, sequer. Uma notícia que fosse, dela não dispúnhamos. Nem saberíamos onde a encontrar.

Colegas do Colégio Estadual Paes de Carvalho, mal se iniciavam os anos cinquenta dos mil e novecentos, cada qual tomou seu próprio rumo. Oficial da Marinha Mercante, Zé Carlos (o Zé Peixeiro, para os que o admiravam e gostavam dele) singrou mares antes e agora ainda navegados, ganhando a vida e dando vida a outras pessoas. Enquanto ele singrava as águas nem sempre tranquilas dos seus próprios caminhos, entregava-me eu a superar as restrições políticas que me fizeram singrar rios e igarapés, jamais os mesmos e amplos mares que o amigo percorria.

Um acaso - não mais que isso - lançou a ponte que novamente nos aproximou. Era agosto de 2011, quando minha irmã Vitória teve notícia do amigo havia tanto tempo afastado de nosso convívio, que um dia foi frequente - e sobretudo fraterno.

O coração generoso de Zé Carlos, tratado a medicamentos e caminhadas, quis o contrário. Impôs ao meu amigo o enfarto fatal.

Adolescentes, partilhávamos da experiência de ser ginásianos e de desfrutar, como o faziam os de nossa época, das peladas de futebol em nosso quintal. Ginásianos, experimentávamos os deveres e as dificuldades escolares, quando se sabia quase certa a ascensão social pela via exclusiva do estudo e da conduta proba. Ah, quão diferentes eram aqueles tempos!

Algum dia teremos pensado que nos aproximava especialmente a origem de nossas respectivas famílias, calcada no valor atribuído ao estudo e ao trabalho. Não bastava sermos membros de famílias numerosas. Assemelhavam-nos, também, valores professados por nossos maiores. Sequer poderíamos perceber quanto isso influenciaria nossa conduta quando adultos, pais de família, trabalhadores e cidadãos.

Eis que, chegado o momento do reencontro, Zé Carlos e eu estávamos novamente frente a frente. Chegara a hora de reconstituirmos os caminhos que um dia foram comuns, de contar nossas peripécias pelas esquinas deste vasto mundo, antes de confrontados com o cumprimento da sentença irrecorrível que nos recebe ao primeiro vagido.

Almoçamos juntos, dia 18 deste mês. Zé Carlos voltava a minha casa (em Belém) e mais uma vez participava da alegre convivência dos meus irmãos. Depois, apenas desfiar experiências, contar casos, lembrar colegas dentre os que aqui permanecem e os que, traindo nossa amizade, se foram para sempre. José Nilson dos Santos dentre estes últimos.

Só quando as primeiras estrelas surgissem, teimosas e resistentes às

características climáticas do período, seríamos forçados a nos despedir. Com a promessa de em breve nos voltarmos a ver. E a rir, como fizemos com tanta espontaneidade naquela tarde estival.

O coração generoso de Zé Carlos, tratado a medicamentos e caminhadas, quis o contrário. Impôs ao meu amigo, traiçoeiramente e a um só golpe, o enfarto fatal. Ali, em plena sala da casa, comigo e Vitória por testemunhas.

Eu, sem jeito para a mais corriqueira atividade manual que não seja escrever ou digitar as teclas de um computador, logo me fiz um perito em massagem cardíaca. Quando o cansaço me paralisava, Graça assumia o desesperado encargo. Ou Ivonilde e Ivoneide, as colaboradoras prestativas da casa. Chegados meu irmão Jaime e sua filha Juliana, médica como o pai, eu e minha mulher fomos demitidos do vão esforço. Nem os cuidados, o empenho e a perícia da equipe 201 do SAMU conseguiram trazer de volta às suas funções o coração generoso de José Carlos.

Hoje, resta-nos a saudade de um ser humano que soube sê-lo em toda sua plenitude. Que semeou no seio dos amigos o sentimento mais alto a que um semelhante pode aspirar - a fraternidade. Que construiu uma família de tal modo sólida, que a perda logo se transformará em amalgama dos melhores sentimentos de que o mundo anda falto.

Obrigado, José Carlos, por teres sido meu - e nosso, digo-o em nome de toda a minha família - amigo. Obrigado por teres levado a minha marca para o coração dos que te sucedem. Que eu saiba ser digno da tua amizade e daqueles que me conheciam sem sequer um dia me terem ainda visto.

José Seráfico é professor da Universidade Federal do Amazonas.

E-mail: jserafico@uol.com.br

jbosco@oliberal.com.br

**rui raiol****Governo Dilma desafia a democracia**

O governo de Dilma Rousseff tem surpreendido a sociedade brasileira, no tocante à necessidade de equilíbrio entre os poderes constituídos do País. Vivemos um retrocesso. E vou citar apenas dois exemplos, que me parecem emblemáticos da postura adotada pelo Palácio do Planalto: o caso de Belo Monte e do corte orçamentário de verba destinada ao Poder Judiciário para 2012.

Belo Monte é um projeto que remonta os períodos da ditadura militar. Durante décadas, a ideia de se construir uma megahidrelétrica no coração da Amazônia foi alvo de críticas de todo segmento intelectual comprometido com a sobrevivência do planeta. Isto porque, já naquela época dita "atrasada", muitas vezes clamavam contra a atitude venal de alguns políticos, não encontrando justificativas para matar a natureza, orgulho de nosso ufanante Hino Nacional. Deu certo. O projeto não morreu de vez, porém, ficou desacordado por muito tempo.

Curiosamente, o elogiado avanço do processo democrático fortaleceu a ideia destrutiva. Depois de vinte e três anos de promulgação da Constituição Cidadã, o monstro acordou. Acordou com os gritos de meia-dúzia de políticos descompromissados com o meio-ambiente, que deixarão

O governo Dilma simplesmente tentou contra a democracia, porquanto se trata de matéria indispensável ao equilíbrio entre os poderes.

esse fantasma para assombrá-los em seus túmulos. Acordou com o grito de multinacionais acostumadas a desgracar terra alheia, assim como fizeram recente no Amapá. Acordou com os aplausos do governo Dilma.

É espantosa a afronta aos poderes constituídos neste País. O Ministério Público Federal, uma instituição séria, criada para defender a sociedade, não tem conseguido impedir a desgraça nacional em terras parenses, chamada Belo Monte. Mesmo estando provada a não-observância de condicionantes no projeto, a ilegalidade não freia sua marcha contra o rio Xingu. Se o Palácio do Planalto quer, nada importa. Todo clamor é ignorado: comunidades locais, políticos de oposição, cientistas renomados, Igreja... Nada. Isto é, sem dúvida, um desafio à democracia, pois se o poder emana do povo, este não pode ser ignorado. O voto atribuído a qualquer político não é um passe-livre para ele fazer o que bem quiser. É apenas uma autorização para que governe ou legisle para o povo, observando leis justas, enquanto as pesso-

as mantêm-se no seu direito irrenunciável de fiscalizar e cobrar providências. O que excede a isto é autoritarismo, totalitarismo, não muito diferente do que está sendo derrubado no lado oriental do planeta.

O corte do Judiciário é outro exemplo. O governo Dilma simplesmente cortou parte da proposta orçamentária encaminhada pelo Supremo Tribunal Federal para 2012. Cortou a Constituição. Atentou contra a democracia, porquanto se trata de matéria constitucional, indispensável para a manutenção do equilíbrio dos poderes. O resultado será mais um ano sem reposição salarial dessa categoria. E o mais interessante é a justificativa, nada técnica, para o corte: repor salário de servidores e magistrados pode quebrar o País, em tempos de crise na Europa. Mesmo? Não seriam ministros desse mesmo governo que estão quebrando a Nação? Não são eles - primeiro escalão de Dilma - que protagonizam essa novela sem-fim da corrupção, que massacra a nossa tolerância diariamente?

Não vemos com bons olhos o atual estágio de nossa democracia. Quando a Constituição é desafiada pelos governantes, a luz acaba de acender.

Rui Raiol é escritor.
(www.ruiraiol.com.br)**Em busca do soft-power****MURILLO DE ARAGÃO**

Em um ranking elaborado pela Monocle, uma das revistas mais interessantes atualmente, o Brasil ficou em 30º lugar entre as potências mundiais do soft power. Soft power é uma expressão usada para identificar os países que exercem poder e influência por meio de ações culturais, ambientais, acadêmicas, educacionais, humanitárias e filantrópicas, além de promoverem o terceiro setor e os institutos de pesquisa independentes.

O ranking da Monocle foi feito a partir de indicadores como PIB versus ajuda externa; missões culturais promovidas pelo país; número de think-tanks e ONGs; tratados ambientais dos quais participa; índice de criminalidade; quantidade de medalhas olímpicas; artigos publicados na imprensa acadêmica; índice de competitividade; locais considerados patrimônio cultural da humanidade pela Unesco. O levantamento considerou também o número de turistas e de correspondentes estrangeiros no país, bem como a demanda por patentes.

Ou seja, trata-se de uma salada russa de indicadores. Infelizmente, o ranking não leva em conta as conquistas da Copa do Mundo e da Fórmula 1, eventos esportivos de impacto planetário que poderiam favorecer o Brasil, assim como as conquistas internacionais no rugby poderiam favorecer a Nova Zelândia.

Apesar de misturar coisas diferentes, o ranking da Monocle é interessante e apresenta uma receita que, se seguida pelo Brasil, poderia ajudá-lo a se transformar numa potência em termos de soft-power. Os países que se destacam são aqueles que vendem cultura entre outros fatores geradores de emprego e renda em grande escala.

O Brasil deveria perseguir a meta de ser um dos dez mais do ranking mundial. Inclusive para benefício próprio, pois isso significaria mais cultura, educação e ciência e maior capacidade de gerar renda a partir de tais aspectos.

Imaginem se os nossos índices de violência diminuíssem e o número de turistas aumentasse, exponencialmente? Ou se a presença de nossos pesquisadores aumentasse em revistas acadêmicas internacionais, indicando maior produção de ciência? Ser uma potência do soft-power não é relevante apenas para a política externa; é relevante também para o aumento do nível de cidadania.

O Brasil tem uma vocação natural para ser um dos dez mais do soft-power. Ser uma potência no soft-power traz muitas vantagens e reforça a nossa política de não-alinhamento automático às grandes potências e a nossa influência no G-20, além de tornar mais consequente o diálogo Sul-Sul. Dentre os países do BRICS, o Brasil aparece em segundo lugar. Perdemos para a China. No entanto, estamos à frente de Rússia, Índia e África do Sul. Na América do Sul, estamos em primeiro lugar, com o Chile logo atrás.

Curiosamente, o líder do ranking são os Estados Unidos, a maior potência bélica do planeta, o que indica que sua hegemonia combina tanto a força das armas quanto a sedução do soft-power. Porém, esta é uma combinação de custo elevado, já que toda a simpatia gerada termina sendo parcialmente consumida por conta dos episódios militares que envolvem o país.

Sem descuidar da segurança e dos investimentos em defesa, o Brasil deveria se dedicar seriamente a perseguir o objetivo de ser um potência do soft-power. Para tanto, devemos não apenas examinar atentamente a metodologia da Monocle como buscar entender qual o lugar do Brasil no imaginário do mundo, a partir de uma ampla pesquisa qualitativa e quantitativa nas várias regiões do planeta.

Entendendo a dinâmica do ranking e tendo em mãos essa pesquisa, é possível estabelecer um caminho seguro que nos coloque em uma situação privilegiada em pouco tempo. O melhor de tudo é que ser soft-power é altamente lucrativo.

Murillo de Aragão é cientista político.